

## CAPÍTULO 10

### AFLIÇÃO

Planeta Terra – Cidade de Cristo.

Ao anoitecer os cidadãos da pequena cidade se reuniram para homenagear Izabell em um velório simbólico. As crianças carregavam velas e os adultos traziam flores. Gabriel não conseguiu segurar as lágrimas quando a cerimônia começou, Senji estava ao lado do pequeno se mantendo firme para apoiá-lo.

— É com muito pesar que hoje nos despedimos dessa mãe dedicada e esposa amorosa – discursava Kazékiu. — Uma mulher orgulhosa, gentil e uma guerreira forte e destemida. Para ela a família sempre esteve acima de todo o resto, o seu amor era incondicional. E para proteger quem amava, ela não hesitou em dar cada gota do seu sangue e suor. Graças a ela podemos viver um pouco mais, e o mínimo que podemos fazer em sua homenagem é um minuto de silêncio.

Todos abaixaram as cabeças e ficaram em silêncio por quase um minuto. Gabriel soluçava de tanto chorar, Senji também sentia o peso da tristeza, mas não queria mostrar fraqueza na frente do filho.

— Que a alma de Izabell possa encontrar o descanso eterno, e que sua família possa ter um pouco de conforto – finalizou Kazékiu.

Aos poucos as pessoas foram se aproximando, jogavam flores sobre o túmulo, outros colocavam velas ao redor. Senji preferiu observar de longe. Kazékiu se aproximou colocando a mão sobre o ombro dele.

*“Eu consegui te colocar no esquadrão de vasculha, eles vão pra superfície amanhã cedo”,* comunicou por telepatia, *“Eu não sei qual seu verdadeiro objetivo lá, mas não se iluda demais, Senji”*.

*“Não se preocupe, só quero ter certeza que estamos seguros...”*, respondeu em seus pensamentos.

*“Nesse caso, tome cuidado”,* alertou, *“E antes que eu me esqueça, eu já recebi uma resposta da Signios, eles aceitaram sua indicação”,* Senji ficou surpreso com a notícia repentina. *“Nós iremos partir em três dias no máximo. Esteja pronto”*.

*“Espere um pouco, e quanto a Gabriel?!”*.

*“Do que está falando, Senji? Você já deve ter imaginado isso, mas a invasão dos lowders não foi uma ocasião comum, está obvio que eles tinham um objetivo aqui, e se de alguma forma eles descobriram sobre o Gabriel, com certeza tentarão de novo, especialmente depois de perceberem que perderam um membro do alto escalão...”*, Kazékiu seguiu em frente, caminhando, enquanto matinha a conversa telepática, *“Não podemos continuar escondendo Gabriel aqui”*.

*“Então, ele virá conosco?”*, Senji se sentiu aliviado, mas esboçou um pouco de frustração também, *“Eu sabia que esse dia chegaria, mas não queria que fosse tão cedo”*.

*“Os recentes acontecimentos nos forçaram a mudar de planos, não há outras opções. Ele estará muito mais seguro no berço da Signios, e lá terá todo o treinamento que precisa para controlar seus poderes”*.

*“Infelizmente, não posso discordar. Se ele ficar aqui, todos os outros também estarão em perigo”*.

*“Exatamente. Mas não fique tão preocupado, o garoto tem talento e um desejo verídico de se alistar quando tiver maioridade. Ele com certeza ficará animado com a idéia, é uma grande oportunidade”*.

*“Isso é verdade... Acho que fui uma péssima influência pra ele”*.

*“Não diga isso, você sempre foi um ótimo pai. Os filhos tendem a se inspirar nos pais e seguir o exemplo, mas não acho que é o caso dele. É uma herança de família, ele nasceu com o espírito de um guerreiro”*.

*“Acho que está no seu sangue... Seguir por esse caminho”*.

*“Sem dúvidas...”*, admitiu. — Passar bem, Senji, os desejo melhoras.

— Obrigado, mestre.

A tristeza esmagadora recaía sobre a família Enllux.

---

## Residência dos Enllux.

Ao dia seguinte, na pequena casa da família Enllux, Gabriel tentava relaxar um pouco com um bom banho quente, estava sentado, pensando.

*“E eu achei que era um humano normal todo esse tempo...”*, pensou o menino, *“É estranho saber que meu pai não é meu pai. Pra mim ele continua sendo meu pai, mas eu agora também tenho outro pai, apesar de não conhecer ele”*, pareceu um pouco confuso.

Os pensamentos dele estavam a mil.

*“Como será que ele é? Será que algum dia eu vou conhecer ele? Será que ele ainda se lembra de mim? Eu ainda tô confuso, é muita coisa pra minha cabeça...”*, ele suspirou, esboçando tristeza, *“Mãe... É tão estranho saber que você não tá mais aqui. Nem parece verdade. Eu só queria te abraçar agora”*.

Ele não conseguia evitar pensar em Izabell, ainda estava abalado.

*“Esse banho tá tão bom que eu poderia ficar o resto da vida aqui”*.

Depois de quase uma hora no banho o garoto saiu, enxugou-se e vestiu uma bermuda preta, e uma camiseta cinza sem mangas, enfaixou o braço direito, espreguiçou e respirou fundo, estava renovado.

— Se sentindo um pouco melhor? – Senji entrou no quarto do menino.

— Muito melhor! – admitiu, com um sorriso um pouco forçado.

— Eu preciso sair um pouco. Você vai ficar bem sozinho?

— Sem problemas! – assentiu, mas esboçou tristeza logo depois. — Pai... Você vai se tornar um cavaleiro Signios, não é? O que vai acontecer comigo? Você quase não vai voltar mais pra casa. Sem minha mãe aqui, eu vou ter que viver sozinho?

— O que você está dizendo? Você acha mesmo que eu ia deixar você aqui sozinho? – Senji passou a mão na cabeça do pequeno, sorrindo. — Não seja bobo. É claro que eu não faria algo assim!

— Então... Você vai ficar aqui?

— Era pra ser uma surpresa, mas eu não esperava que você tocasse no assunto... – ele suspirou, desapontado. — Gabriel, você vai vir comigo pra colônia da Signios, lá será nossa nova casa! – revelou, animado.

— Eu vou... Pra colônia da Signios?! – Gabriel ficou surpreso.

— Mas eu não parei pra pensar que talvez você não queira vir, afinal, tem sua escola e todos os seus amigos aqui... – Senji quis testá-lo.

— É claro que eu quero! – respondeu, sem hesitar. — Eu sempre quis ir pra colônia da Signios! Eu tive treinando todo esse tempo só pra isso! – empolgou-se. — Isso é incrível! É simplesmente demais! Eu não acredito nisso! É sério?! De verdade verdadeira?!

— Calma aí parceiro! – Senji riu. — Vai morder a língua desse jeito.

— É como um sonho realizado! Eu tenho que contar isso pro Marte e pro Lucian! Eles não vão acreditar! – Gabriel congelou por um momento. — O Marte e o Lucian! – lembrou-se. — Eu me esqueci completamente deles! – desesperou-se.

— Que péssimo amigo você é... – Senji foi sarcástico. — Não lembro de ter te ensinado a ser esse tipo de pessoa, que decepção – brincou.

— Você sabe onde eles tão, não sabe? – foi direto.

— Talvez, talvez não, mas deixando isso de lado, você deve estar com fome. Eles estão distribuindo comida lá na sua escola, todos da cidade estão lá. Porque você não vai também?

— Eu realmente tô com fome, mas não foi isso que eu... Ah... – ele percebeu a dica. — Entendi! Tá bom então! Tô indo até lá! – correu em direção as escadas, mas parou no caminho. — Pai!

— Que foi?

— Obrigado! – agradeceu, com um sorriso sincero.

Senji sorriu, sentiu certo alívio, estava feliz. Gabriel desceu as escadas e deixou a casa correndo em direção a sua escola.

*“Nós ainda vamos nos orgulhar muito dele, Izabell”*, pensou Senji.

A pacífica Cidade de Cristo estava devastada. A destruição causada pela batalha havia deixado muitos desabrigados, grande parte da colheita se perdeu devido aos escombros que a soterraram, e até mesmo os animais que criavam para alimentação morreram durante a catástrofe.

Ainda assim, havia esperança nos olhos dos habitantes da pequena cidade. Os cavaleiros Signios junto com alguns voluntários recolhiam os destroços, outros ajudavam os desabrigados, e um terceiro grupo, fora da cidade, trabalhava para limpar os túneis.

Graças aos esforços de Kazékiu, e ao sacrifício de Izabell, não houve mortos ou feridos. A maior parte da população estava reunida na Escola dos Filhos do Futuro, onde comida e água eram distribuídas para todos. As crianças brincavam e os adultos conversavam, despreocupados.

Não havia motivos para tristezas, pois todos estavam bem. E enquanto caminhava, Gabriel percebeu isso, estava em choque por causa do estado da cidade, mas ver aquelas pessoas o deixou ainda mais surpreso.

*“Mesmo depois de tudo, não vejo quase ninguém triste...”*, pensou, enquanto observava os arredores, *“Parece que ninguém se machucou também. Então, tudo isso foi graças a minha mãe?”*.

Continuou andando, atravessou o portão da escola e deparou-se com a multidão reunida no pátio. Procurou entre as muitas pessoas seus dois amigos, mas o movimento era grande, era difícil encontrar alguém ali.

— Onde será que eles estão... – pensou em voz alta.

— Gabriel...? – chamou uma voz familiar, que soou surpresa.

— Oi...? – Gabriel virou-se para ver quem era e lá estava Lucian, que parecia pasmo em vê-lo.

— Lucian! – o menino animou-se ao ver o amigo.

— Gabriel! – os olhos dele encheram-se de lágrimas, ficou tão feliz e aliviado que correu para abraçar o amigo. — Pensei que cê tivesse morrido, seu idiota! – gritou. — Nunca mais faça isso! – chorava sem parar, chegava a soluçar.

— Também tô feliz de te ver... – Gabriel ficou surpreso com a reação dele.

— Tem dois dias que ele não para de falar de você... – Marte apareceu. — Eu pensei que ele nunca fosse se calar.

— Cala a boca, seu chato! Você também tava preocupado com ele! – Lucian revidou. — Tenho certeza que vi você chorando também!

— Não sei do que você está falando... – negou, mas parecia nervoso, e um pouco desconfortável.

— Que bom que ainda estão se dando tão bem – Gabriel riu.

— Essa piada não tem mais graça! – irritou-se Lucian. — Deixando o quatro-olhos de lado... Me conta o que aconteceu com você? Eu acabei desmaiando no meio da confusão e não lembro de nada! Por que você sumiu? Por que nem seu pai e nem mestre Kazékiu deixaram a gente te ver? Em? Em? Em?! – as perguntas não paravam.

— Calma, seu apressado! – Gabriel gritou. — Eu também não lembro muita coisa, mas será que podemos deixar a conversa pra depois? – ele passou a mão na barriga. — Eu tô morrendo de fome.

— Eu também não comi nada hoje – a barriga de Lucian roncou. — Dessa vez tenho que concordar! Comida primeiro, conversa depois!

— Você vem também, Marte? – indagou Gabriel.  
— Eu já estava planejando ir mesmo.  
— Não é mais fácil falar “sim”? Por que cê sempre é assim?! – reclamou Lucian.

Marte manteve silêncio, o ignorou completamente.

— Eu ainda acabo com você! – irritou-se Lucian.

Gabriel riu deles, parecia feliz. Os três amigos estavam uma vez mais reunidos e compartilhavam da alegria do reencontro.

---

### América do Sul – Litoral do Rio de Janeiro.

Na superfície, Senji acompanhava um grupo de cavaleiros Signios na checagem do perímetro, buscavam por outros possíveis intrusos que pudessem ainda estar no planeta. O agrupamento observava espantado o estado em que a antiga cidade havia ficado depois da batalha.

O esquadrão era composto por cerca de quinze soldados, todos seres de espécies e raças diferentes, trajados em uniformes brancos, carregando o símbolo de uma cruz de prata no centro da vestimenta. Marchavam em três fileiras de cinco, a frente deles, estava Senji e o líder do pelotão.

— Que tipo de monstros lutaram aqui? – sussurrou um cavaleiro.

— Ouvi falar que um dos intrusos era um Comandante Lowder... – comentou outro. — Tivemos sorte de não encontrar um inimigo desses.

— Ninguém sabe com quem ele lutou, mas dizem que uma das nossas antigas Comandantes estava vivendo aqui – contou um terceiro. — Ela se sacrificou pra vencer a batalha.

— Mas derrotar um membro do alto escalão lowder é uma das maiores conquistas que um soldado hoje em dia pode conseguir.

— Mas olhando pro estado desse lugar, eu não teria a menor chance.

— Nisso eu tenho que concordar.

— Ei, vocês no fundo! – gritou o líder do esquadrão. — Fiquem quietos e prestem atenção! Não estamos aqui pra conversar!

— Nos desculpe, senhor! – respondeu ligeiro um dos soldados.

— Muito bem! Vamos parar aqui! – ordenou. — A partir desse ponto cada fileira seguirá uma direção diferente, checaremos a área em busca

de invasores. Qualquer contato ou sinal do inimigo informem imediatamente, não façam nada precipitado. Mantenham-se recuados até os reforços chegarem! Estamos entendido, soldados?!

— Sim senhor! – responderam, como um coral.

— Movam-se! Não quero ver ninguém vadiando em serviço!

Os soldados, em grupos de três, rapidamente se dispersaram.

— E quanto a você, humano? – dirigiu-se a Senji.

— Minha missão aqui é verificar o local da explosão provocada pela Comandante Izabell e garantir que o inimigo foi eliminado! – explicou.

— Estarei bem sozinho. Obrigado por ter me trazido até aqui, senhor!

— Sem problema, foi um pedido de Kazékiu afinal. Faça o que tiver que fazer, mas tome cuidado, não se meta em problemas.

— Sim senhor! Com sua licença!

Senji seguiu em frente sozinho, seu objetivo ali era outro. Caminhou por algum tempo, observando abismado o cenário. Parou de frente com o que restou do monte onde costumava estar o lendário Cristo Redentor.

— O último monumento da Antiga Humanidade, reduzido a cinzas... – seu olhar mostrava aflição. — Me pergunto se há um significado nisso. Se é um sinal de que algo está pra mudar... – seguiu em frente.

O homem caminhou por cerca de meia hora antes de finalmente chegar ao seu destino, a encosta, onde se tinha uma magnífica vista para o mar, cujas águas agora estavam turvas.

— Então foi aqui que você deu seu último suspiro... Izabell.

De longe viu uma gigantesca cratera, profunda o suficiente para chegar onde os olhos não podiam ver. A área estava envolvida em energia residual, carregada de eletricidade estática, ocorriam pequenas descargas de tempos em tempos.

A água ao redor havia secado completamente, ainda era possível ver o vapor cobrindo a área como uma névoa. O mar não conseguia avançar por causa do forte campo magnético. A atmosfera estava pesada.

— “*Raijin: Estrela Cadente*”, uma técnica realmente digna de ser chamada de recurso final. Que poder de destruição inacreditável... – Senji ficou surpreso. — Nem mesmo aquele lowder suportaria algo assim.

Senji retirou todos seus equipamentos e armas, jogou para longe junto com todos os objetos metálicos que tinha. Tirou da mochila um grosso traje de borracha e vestiu, cobrindo o corpo todo, incluso a cabeça.

— Espero que seja suficiente pra me proteger – manifestou aura, adentrando o campo elétrico.

Enquanto se movia, Senji era atingido por alguns raios, sua aura bloqueava a maior parte, o restante era absorvido pelo traje de proteção. Ele chegou até a borda da cratera, e parou para observar com tristeza o profundo buraco.

— Parece que não havia porque se preocupar. Aquele lowder sem dúvidas está morto – concluiu, quando um brilho bateu em seus olhos, ele virou-se para procurar de onde vinha e viu algo caído entre a terra. — O que é isso? – ele aproximou para procurar, se ajoelhou e vasculhou com as mãos, encontrou um colar de corrente metálica, com uma pedra azul com a forma de losango, decorada com o desenho de um raio no centro. — Isso é... – ficou surpreso, uma lágrima caiu de seu olho direito. — O colar de Izabell... – segurou com carinho a pedra. — Por que eu vim até aqui?! Eu sabia que não ia encontrar nada! Eu sabia que era impossível que ela tivesse sobrevivido! Então por quê?! Por que tô aqui?! – socou o chão, frustrado. — O que eu esperava encontrar?!

Ele gritou aos céus, a dor de uma falsa esperança o atormentava.

---

Do outro lado do universo – Desgárria, a Fortaleza dos Lowders.

O jovem príncipe lowder caminhava em direção à sala do trono, estava usando uma armadura nova, de cor preta com detalhes em vermelho e dourado, um braço e uma perna mecânica substituíam os membros que havia perdido, a metade direita do rosto estava coberta por uma máscara metálica, que contava com um olho biônico.

Pelas regiões do corpo que não estavam cobertas pela armadura era possível observar que os ferimentos severos persistiam, não haviam se curado ainda. Nas costas, escondido por trás de sua majestosa capa, levava um compartimento de metal que ligava um pequeno tubo a sua nuca. Mesmo naquele estado, ostentava arrogância e orgulho.



Garougo abriu as portas da sala do trono e adentrou, ajoelhou-se diante do Imperador, e mesmo após seu fracasso, não fraquejou e nem tremeu, devia estar pronto para as consequências.

— Eu retornei, meu pai! – anunciou.

— Posso ver que retornou, mas que estado horrível é esse? – indagou, o encarando com um olhar intimidador. — Não parece alguém que teve sucesso em sua missão, e nem um dos meus orgulhosos Comandantes! Devo parabenizá-lo pela coragem de aparecer na minha frente?!

— Realmente, minhas condições são humilhantes – levantou. — Estou envergonhado, mas eu teria me preparado melhor se vossa majestade tivesse me dito o verdadeiro objetivo dessa missão! – protestou.

— Ousa levantar a voz diante do Imperador?! – Garo deu um salto para fora do trono, caiu de frente para Garougo, o agarrou pelo pescoço e o pressionou brutalmente contra a parede, deformando o metal. — Está preparado para as consequências da sua insolência?!

— Nunca estive tão preparado! – Garougo revidou, acertou o pai com um soco, a força do golpe o arremessou contra a parede, na outra ponta da sala. — Eu não esperava que minha oponente fosse uma humanide, que ela estivesse escondida entre aquele lixo! Ela não foi um adversário difícil, o problema mesmo era a cria dela, uma aberração com um poder inacreditável! Essa é a força que eu ganhei enfrentando ele, meu grande Imperador! Entende o que quero dizer?!

— Isso é... – Garo ficou pasmo por um momento.

— Tudo bem se o senhor quiser me executar agora, eu só queria fazer meu relatório! E nada melhor que uma demonstração!

— Garougo! – a aura de Garo manifestou-se, era tão densa que a sala toda tremeu, Garougo ficou paralisado. — Eu deveria matá-lo por isso! Mesmo sendo o meu filho, é inaceitável levantar a mão contra o imperador! – estava furioso. — Mas eu vou ouvi-lo, parece que você descobriu algo peculiar naquele planeta, e estou interessado nisso! – levantou-se e voltou para o trono. — Fale! – ordenou.

— Estou certo que vossa majestade já sabe o que eu encontrei. Afinal, foi por isso que me mandou lá, não é?! Mas eu direi! O que encontrei foi uma verdadeira aberração! Sim! Uma abominação com a aparência de um humanide... – fez uma pausa. — E o poder de um anolito!

Os olhos do imperador foram preenchidos por desprezo, fúria e indignação, inconscientemente ele manifestou aura, emanando um ar tão sinistro que todos os soldados da fortaleza sentiram. Garougo tremeu.

— Então... Ele existe! – o lowder murmurou. — A criança híbrida que carrega o sangue dos humanides e dos anolitos! – Garo se levantou. — Me diga... – aproximou-se do príncipe, que não conseguia parar de tremer. — Como era a força dele?!

— Inacreditável! Suas habilidades físicas e até a sua aura eram muitos superiores as suas, meu pai... – Garougo engoliu seco, não queria dizer aquilo, mas não teve coragem para mentir. — Se ele aprender a usar os seus poderes, nem o senhor estará a altura dele.

— Entendo... – ao escutar aquela única palavra, Garougo temeu pela própria vida por um pequeno momento. — Ele é uma ameaça maior do que eu imaginava. Foi ele quem lhe causou esses ferimentos?

— Não, isso foi obra da humanide. Eu cheguei muito perto de matá-lo, mas ela me atrapalhou e tentou se autodestruir comigo, eu consegui escapar usando o Styx, mas foi por muito pouco.

— E por que estão demorando tanto para se regenerar? Com sua habilidade, já deveria estar completamente curado.

— Eu também não entendo, parece ser algum efeito colateral da explosão, mas é uma questão de tempo pra que eu me recupere totalmente.

— Que seja... Essa aparência deplorável já é punição suficiente para você – anunciou. — Dessa vez perderei sua insolência.

— Obrigado, meu senhor – Garougo ajoelhou-se.

— Agora vá! Quero ficar sozinho! – ordenou.

Garougo assentiu com a cabeça e retirou-se de imediato do recinto.

— Pensei que esse problema tivesse sido solucionado quando exterminei os humanos, Xeron!

— Você deveria ter eliminado até o último deles, só por garantia... – pronunciou-se uma voz feminina, surgiu deitada entre os braços do trono do Imperador, tinha o corpo esbelto, a pele de tom roxo lembrava as escamas de uma serpente, e os cabelos pareciam um ninho de cobras, os olhos eram verdes. — Não me culpe pelos seus erros, Garo! – riu.

— Essa criança é uma grande ameaça para todos nós! É uma vergonha para todos da Hierarquia Primordial! Ele devia ter sido erradicado quando ainda estava no ventre da mãe! Por que não disse nada antes?!

— Por que eu não sabia... – admitiu. — Só recentemente a informação chegou até mim. Alguém esteve me bloqueando.

— E isso é possível?! – Garo ficou surpreso.

— Não diria que é impossível, mas com certeza posso afirmar que são poucos os que podem fazer algo assim, mas não tenho nenhum suspeito no momento. O que realmente nos interessa agora é resolver esse problema o mais rápido possível. O que pretende fazer?

— Não posso ignorá-lo e nem deixar que escape, irei encontrá-lo e eliminá-lo usando todos os recursos a minha disposição!

— Ele provavelmente será enviado para a colônia da Signios.

— Não importa! Vou passar por cima deles se for necessário!

— Então, isso significa...

— Guerra! – anunciou.

A ameaça de uma nova batalha recaia sobre a Signios.